

Especial

Remontando a infância

Felipe Lacerda tem 43 anos. Fã de Lego desde a infância, a paixão pelos brinquedos de construção feitos de peças de plástico que se encaixam e permitem criar inúmeras estruturas continuou a acompanhá-lo até a vida adulta. “Sempre gostei de brincar com eles, tenho diversas memórias legais com esse tipo de brinquedo. Quando era criança, tinha poucos, três no total. Dois deles guardo até hoje”, conta.

Com mais de 15 peças em casa, sua coleção inclui desde personagens e carros até cidades inteiras. “As minhas favoritas, até então, são as cidades de São Francisco e Nova York.” Seu último Lego é um ônibus espacial da Nasa comprado em sua última viagem aos Estados Unidos, em abril.

Formado em engenharia de redes pela Universidade de Brasília (UnB), o brasileiro comenta que essas pecinhas famosas o ajudaram durante a infância e a graduação na faculdade. “O primeiro benefício que eu tive na infância foi o fato de desenvolver mais facilmente a minha visão espacial e tridimensional porque, no Lego, você lê um manual que é 2D e está montando as pecinhas no espaço tridimensional. Quando eu cheguei no segundo grau da minha faculdade e tive que fazer matérias de geometria tridimensional, foi muito mais fácil de entender.”

A satisfação de passar esse gosto e aprendizado para os dois filhos, Pedro, 9, e Heitor, 6, é visível. “Eu sempre tive muito estímulo com esse brinquedo. A gente tem uma caixa de Lego — eu sei o valor que isso tem. É algo que traz diversão e aprendizado, tanto na infância quanto na vida adulta. Por isso, fiquei muito contente de conseguir passar esse gosto para os meus filhos. Saber que eles também curtem montar Lego me deixa muito feliz.”

Apesar de gostar de brincar e de saber que os filhos também compartilham desse mesmo sentimento, ele enxerga outras utilidades para as peças. “Acho que, com o tempo, eles vão continuar apreciando o Lego de forma mais madura, como eu faço hoje. Atualmente, eles ainda desmontam e brincam com as peças, como eu fazia quando era criança. E tudo bem, eu também passei por essa fase. Mais tarde, na vida adulta, comecei a usar o



Lego como parte da decoração da casa, com um valor afetivo muito forte.”

Para Felipe, o Lego é muito mais do que um simples brinquedo — é um elo com a infância, uma fonte de criatividade e uma memória afetiva que atravessou gerações. Desde pequeno, ele se encantava com as possibilidades de criação que cada peça oferecia.

Hoje, já adulto e pai, compartilha esse mesmo encanto com os filhos, mantendo viva a magia dos blocos coloridos. Mas nem tudo são flores no mundo dos legos — como ele mesmo brinca. “A parte mais difícil do Lego, na verdade, são duas: primeiro, comprar — porque é um brinquedo caro — e segundo, pisar nas peças descalço... isso dói de verdade!”